

O FALAR DO MARANHÃO: A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO DE TEXTOS DISSERTATIVOS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Ana Cleris Saraiva Nunes¹

Gracy Kelia Lopes Silva²

Joseane Dutra Meireles³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a influência da oralidade na produção dissertativa dos alunos da 1ª série do Ensino Médio numa escola intitulada Centro Educa Mais Dr. Raimundo Magno Alves da Silva, localizado em Vitória do Mearim/Maranhão. O presente trabalho aborda as características/peculiaridades da oralidade presente no maranhense e como esses aspectos da oralidade influenciam a escrita na produção textual dos alunos. Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma roda de conversa para identificar palavras usadas no cotidiano dos alunos, posteriormente, foi realizada uma produção textual e por fim, uma análise das redações produzidas pelos estudantes, identificando as manifestações das marcas da oralidade típicas do maranhense. Os resultados evidenciaram que a influência da oralidade é perceptível na escrita dos alunos. A valorização da identidade linguística dos alunos será discutida durante a pesquisa deste trabalho. Os resultados demonstram que compreender essa influência é necessária para promover uma educação inclusiva e apreciável às diversidades linguísticas, sociais e culturais. Dessa forma, este trabalho faz uma reflexão sobre a importância das especificidades linguísticas naturais dos indivíduos que vivem em sociedade e que possuem língua. As marcas da oralidade no uso da escrita dissertativa potencializam as particularidades linguísticas de uma localidade e desenvolve as habilidades de escrita dentro dos parâmetros e normas padrão da língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade. Fala. Variação linguística. Produção textual. Ensino Médio.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país marcado por uma rica diversidade cultural, resultado do processo de colonização protagonizado pelos indígenas que já habitavam o território com suas próprias tradições e costumes, pelos portugueses, franceses e espanhóis. A essa base cultural acrescenta-se ainda a contribuição dos povos africanos trazidos como mão de obra, que além da força de trabalho, também trouxeram seus saberes, práticas, línguas e valores. Assim formou-se um mosaico de cultura e uma notável variedade linguística que caracteriza a identidade brasileira.

¹Pós- graduanda em Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, ana.cleris@discente.ufma.br

²Pós- graduanda em Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, gkl.silva@discente.ufma.br

³Pós- graduanda em Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, joseane.dutra@discente.ufma.br

Dessa forma, o Maranhão que compõe a região Nordeste possui referências desse misto de cultura, assim refletindo diretamente em seu falar.

A variação linguística é um fenômeno natural presente em todas as línguas, sendo relacionada com a cultura e o social de um grupo de falantes de uma região, comunidade. No Maranhão, esta variação regional do estado apresenta características peculiares em relação ao português padrão.

Nessa perspectiva, este trabalho objetivou a análise da influência da oralidade na produção dissertativa dos alunos da primeira série do Ensino Médio na escola Centro Educa Mais Dr. Raimundo Magno Alves da Silva, localizado em Vitória do Mearim - MA, abordando estrutura de um texto dissertativo e suas modalidades: expositivo e argumentativo; bem como, são apresentadas características do falar em Vitória do Mearim - MA e sua influência na produção textual dos alunos para compreender como a variação linguística pode interferir na comunicação e na produção dissertativa, vez que para a construção de argumentos e expressão de ideias, a língua é o instrumento essencial para promover comunicação seja falada ou escrita.

A temática se faz relevante ao compreendermos o quanto a fala tem uma grande influência na escrita, sendo essa prática considerada equivocada nas produções de textos que exigem o uso da norma padrão da língua portuguesa. Sucede que, o falante da língua frequentemente faz uso da variedade linguística regional, utilizando-a para dissertar sobre algum tema, sabe-se que termos regionais não são aceitos em produções dissertativas oficiais, sendo estes constantemente submetidos a provas externas como vestibulares, exames que exigem essa modalidade/tipologia textual.

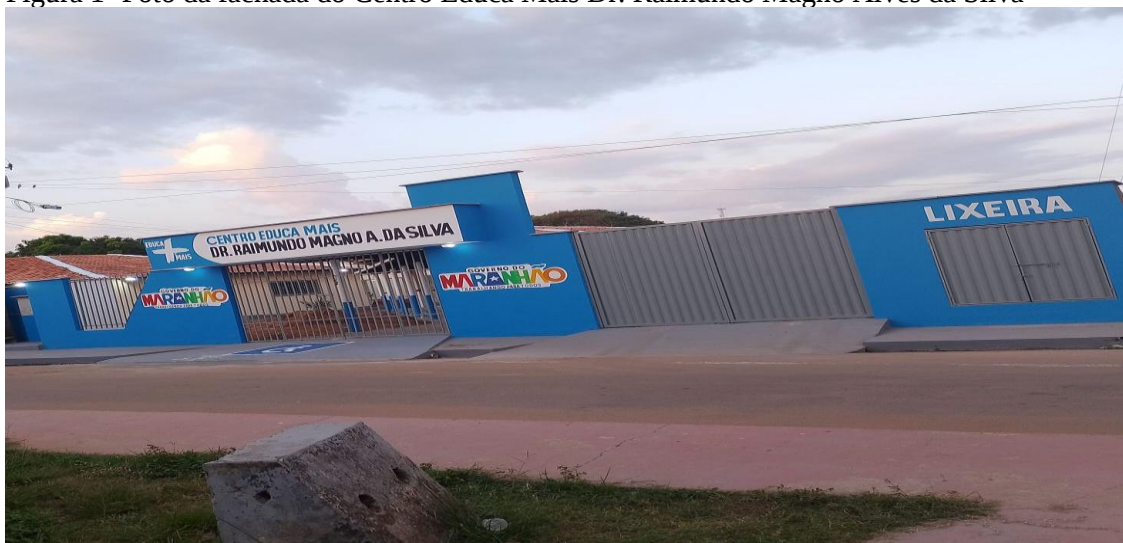
O presente trabalho está organizado da seguinte forma: “Introdução” que versa sobre os aspectos iniciais deste artigo; a “Metodologia” versando sobre os caminhos percorridos; “Referencial teórico” que se subdivide em três momentos, o primeiro versa sobre *linguagem, língua e escrita*, abordando a relação entre fala e escrita, o segundo aborda a *variação linguística, preconceito linguístico* discorrendo sobre variação linguística e possíveis preconceitos linguísticos do uso das marcas de oralidades e o terceiro, *texto, gênero textual e tipologia textual* aborda gêneros textuais com foco na tipologia textual. O embasamento desta seção ancorou-se nos trabalhos de Bagno (1999, 2015), Bakhtin (2011), Braga (2023), Egido (2024), Marcuschi (2008, 2010, 2012), Labov (2008), Saussure (2021), Swales (1990), Telles (2002). Na seção “Resultados e discussão” foi abordado as marcas de oralidade extraídas das produções textuais, tais como: Troca de vogais por consoantes ou vice-versa, repetições de palavras nas frases e marcadores conversacionais e omissão de sílabas das palavras e por fim, “Considerações finais”.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa que segundo Egido (2024, p. 15) “ela é subjetiva e sempre parcialmente construída ou conhecida”, onde o conhecimento é “concebido como um produto social que é construído a partir de uma determinada posição. Trata-se de um estudo de caso, onde o foco segundo Telles (2002, p.108) está em “um determinado evento pedagógico, componente ou fenômeno relativo à sua prática profissional” e que “os seus objetivos estão centrados na descrição e explicação de um fenômeno único isolado e pertencente a um determinado grupo ou classe”. Este estudo ocorreu na escola Centro Educa Mais Dr. Raimundo Magno Alves da Silva. A escolha desta instituição se deu pela localização, que está situada no centro de Vitória do Mearim, proporcionando fácil acesso aos alunos advindos da zona rural.

Para a realização deste trabalho, foram apresentados a estrutura de texto dissertativo e suas modalidades: expositivo e argumentativo, e slides com representações de marcas de oralidades em diferentes contextos a saber (charges, listagens, entre outros). Logo após, foram realizadas uma roda de conversa, onde os alunos teceram comentários sobre o tema em questão, seguida de uma lista de expressões e logo após uma produção textual sobre o tema: “A revolução das baratas: novo desfecho” para identificação de palavras usadas no cotidiano dos alunos, para análise da oralidade destes em seus textos escritos e por fim, as análises dos dados gerados.

Figura 1- Foto da fachada do Centro Educa Mais Dr. Raimundo Magno Alves da Silva



Fonte: coleta de dados pelas autoras.

2.1 Organização da roda de conversa

Fez-se um levantamento das principais expressões usadas pelos alunos da sede do município e dos alunos da zona rural. As palavras e expressões usadas no cotidiano dos alunos versavam sobre a identificação, representação e aceitação destas pelos alunos, além da influência no uso em suas produções textuais dissertativas.

Figura 2- Apresentação de expressões que marcam a oralidade dos alunos da primeira série:

**O maranhês – você escreve o que fala?
Quais expressões você conhece e usa no seu dia a dia?**

Rum, eu tô é tu!
Brocado
Marrapaz
Banhar
Marminino
Peraaínda
Té doido
Te digo é nada!
Arrudea
Mangar

Fonte: Elaborado pelas autoras

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Linguagem, Língua e escrita

A linguagem é um fenômeno complexo que vem sendo estudado em diversas disciplinas, tais como a filosofia, psicologia, linguística e sociolinguística. De acordo com Saussure (2021, p. 62).

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo- esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação – é psicofísica"

A língua é um mecanismo de comunicação, caracterizado por letras e fonemas com estrutura própria com regras e normas que devem ser seguidas por seus usuários, no entanto, a linguagem tem sua característica inserida na comunidade do falante, sendo, um processo de comunicação. Cada comunidade tem sua forma de comunicação, seja através de gestos, movimentos corporais, além de língua própria, a saber, a comunidade surda com a língua de

sinais- Libras. Ainda segundo Saussure (2006, p. 27) “Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta”.

Além disso, a fala está relacionada com o contexto cultural em que ocorre, a exemplo, a variação linguística, que é uma característica natural da língua. Segundo Saussure (2021, p. 63) “Nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e momentâneas”. Portanto, o ato da fala é individual, cada ser tem sua característica e sua forma de comunicação, sendo um contexto fundamental para linguagem e língua.

Para Labov (2008) a fala é uma forma de expressão da variação linguística, que reflete as diferenças entre os grupos sociais que utilizam a língua. Esses grupos sociais, referem-se à idade, sexo, classe social, alfabetizados etc. Contudo, a fala está relacionada com o desenvolvimento da linguagem nas crianças, às variações linguísticas, às influências culturais e sociais históricas que ocorrem na sociedade. É importante que se entenda a fala como um fenômeno social e cultural que está em constante transformações, afinal, a língua é viva, portanto, não é estática.

Além da fala, vale ressaltar a importância da escrita como fenômeno de comunicação e informação. Apesar de serem formas distintas de linguagem, a fala e a escrita estão relacionadas entre si. De acordo com Marcuschi (2010, p.17).

Se é bem verdade que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição na escrita, isto não torna mais importante ou prestigiosa que a escrita. Trata-se apenas de perceber que a oralidade tem uma “primazia cronológica” indiscutível sobre a escrita (cf. Stubbs, 1980). Os usos da escrita, no entanto, quando arraigados numa dada sociedade, impõem-se com uma violência inusitada e adquirem um valor social até superior à oralidade.

Apesar das diferenças entre a fala e a escrita, ambas as formas de linguagem são fundamentais para a comunicação humana e para o desenvolvimento da linguagem. Para Saussure (2021, p.70) “Língua e escrita são dois sistemas de signos distintos; a única razão de ser do segundo é a representação do primeiro [...]”. Portanto, falar e escrever são formas de comunicação essencial numa comunidade, no entanto, não é de qualquer forma que esses atos comunicativos acontecem, necessita, no caso da escrita, seguir um padrão estabelecido pela língua. Já a fala, se dá de forma natural e identifica uma comunidade falante. Em Saussure (2021, p.70) “Mas a palavra escrita se mescla tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem que acaba por usurpar o papel principal”. Foi estudando essas duas formas de comunicação que este trabalho foi proposto, com o objetivo de identificar os usos de expressões

regionais características da oralidade usadas em produções textuais de alunos do ensino médio na cidade de Vitória do Mearim no Maranhão.

3.2 Variação Linguística, Preconceito Linguístico.

Para entender melhor a influência da oralidade e da variação linguística do Maranhão na produção de textos dissertativos de alunos do ensino médio no município de Vitória do Mearim/Maranhão, é essencial considerar a situação sociolinguística do estado. Há alguns fatores a serem observados como exposição à língua padrão, contexto social, contato com as variedades linguísticas e faixa etária, sendo essa um fator importante culturalmente na oralidade, vez que pessoas de idade mais elevada as dos alunos em questão, influencia no conhecimento de expressões passadas de geração a geração. Convém ressaltar que os alunos em questão são oriundos de povoados (zona rural) e da sede do município, o que faz diferença no conhecimento de expressões usadas nas duas localidades.

Durante a roda de conversa, foram expostas algumas expressões usadas pelos estudantes, tais como: “cumadiabo” (como assim?), “armaria” (Avé maria- expressão de surpresa), “Digo é nada” (chamar a atenção), “mermã” (usada para expressar surpresa, a depender da quantidade de “ã” mermããã), “Tinino” (sol forte), “Nam” (Não), “arrudea” (dar a volta), “meninu” (menino). Tais expressões da oralidade são indevidamente usadas na escrita, seja em textos formais ou informais, mas que devem ser cuidadosamente orientados a não usarem tais termos, vez que em situações de comunicação cotidiana da fala, é permitido, no entanto, em situações formais de comunicação, seja escrita ou falada, não são aceitas.

Além de apresentações das temáticas: o que é texto, tipologia textual e gêneros textuais para apresentá-los às regras e normas de uso. Durante a exposição de diferentes tipos de textos, tomou-se os cuidados necessários para que as orientações não fossem vistas como preconceito linguístico. Segundo Bagno no seu livro *Preconceito Linguístico* (1999, p. 47).

O que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil: não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. (...) é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares.

Então, as diferentes falas de uma comunidade advêm de um contexto histórico e social em que o ser humano está inserido, como entendido no livro *Preconceito Linguístico* do linguista Marcos Bagno, não há um falar errado, o que há é uma variação linguística regional, que a depender da escolarização do indivíduo, essa variação da fala se acentua, mas que não deve ser desprezado o contexto histórico-social, tampouco, ser considerado preconceito linguístico. Para Bagno (2015, p. 33) na sua nova edição do livro *Preconceito Linguístico*, diz:

É preciso, portanto, que a escola e todas as instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito de “unidade” do português brasileiro e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades sem prestígio social.

Nessa mesma perspectiva da variação linguística como variedade regional, cultural e histórica, Braga (2021, p.1), diz: “Variação linguística é um fenômeno que acontece de forma natural, envolvendo a língua e toda a diversificação que acontece em seus elementos formadores, com o vocabulário, a pronúncia, a morfologia e a sintaxe”.

Sintetizando, as marcas de oralidades são uma variação regional da língua portuguesa que reflete a diversidade cultural e histórica maranhense. Com traços fonéticos, morfológicos, sintáticos típicos de uma influência de povos indígenas, africanos, franceses e holandeses. Estudar e conhecer marcas de oralidades como variedade linguística é fundamental para compreender e preservar a diversidade linguística brasileira.

3.3 Texto, Gênero textual e tipologia textual

Para a construção de um texto, antes, deve-se saber o que é um texto, sua estrutura, gênero e tipologia. Além de um conhecimento gramatical da norma culta da língua como coesão, coerência e demais acessórios e instrumentos necessários para a boa construção do texto. Para Marcuschi (2012, p. 22) diz: “Do ponto de vista linguístico, o texto foi definido, de uma maneira geral, como “uma sequência coerente de sentenças”. Por tanto, o texto é uma sequência de sentenças organizadas. Seguindo a leitura, Marcuschi (2012, p. 26), este diz: “As definições de texto que se propõem critérios mais amplos que os puramente linguísticos, tornam-no como uma unidade comunicativa e não como uma simples unidade linguística”. O texto é uma sequência coerente de sentenças, mas também é uma unidade comunicativa necessária para o ato comunicativo no âmbito de uma ação comunicativa reconhecível, sendo uma unidade concreta e não virtual.

Os gêneros textuais podem ser definidos de acordo com Bakhtin (2011, p. 262) e Swales (1990, p. 58) “categorias discursivas reconhecíveis, que são tipicamente caracterizadas por sua estrutura composicional, estilo, conteúdo e propósito comunicativo”. Entende-se, portanto, que para a construção de um texto, é necessário conhecer sua estrutura composicional, como dito anteriormente.

Nessa perspectiva, Marcuschi (2008, p. 84) diz: “O texto é uma ocorrência comunicativa, verbal ou não verbal, que se manifesta como uma unidade de sentido, dotada de coerência, intencionalidade e situada em um contexto sociocomunicativo.”

A produção textual dissertativa é uma habilidade essencial no campo acadêmico e profissional, portanto, conhecer um texto e sua tipologia, como a dissertação, ajuda o estudante no momento da escrita do texto dissertativo para as provas externas e para produções solicitadas dentro da escola.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na roda de conversa houve uma discussão acerca das palavras, expressões, leitura de *slides* com expressões conhecidas e outras desconhecidas, ocorrendo de forma leve e até com humor, pois, expressões conhecidas por alguns alunos, outros, desconheciam ou até mesmo com pronúncia diferente da já conhecida. Quando foi perguntado sobre essas expressões próprias da oralidade, se elas tinham influência na escrita deles, alguns disseram que escreviam da forma que falavam em meio a roda de amigos. No entanto, outros disseram que não usavam na escrita o que era usado na fala.

Dessa maneira, de posse de alguns textos escritos pelos estudantes, observou-se que os alunos da sede tinham em seus textos menos marcas orais, enquanto os da zona rural, utilizam com frequência a forma como falam, e alguns exemplos dessas expressões são: “Tipo assim”, “né”, “tá ligado?”. A roda de conversa permitiu aos alunos um conhecimento do que é variação linguística, preconceito linguístico, e a diversidade de expressões que marcam o falar das pessoas de um lugar, presentes no próprio discurso e na fala dos colegas, além de conhecer novas palavras, ou seja, o dialeto da sua comunidade de fala. Abaixo há o quadro 1 com alguns exemplos:

Quadro 1: Exemplos de marcas de oralidade

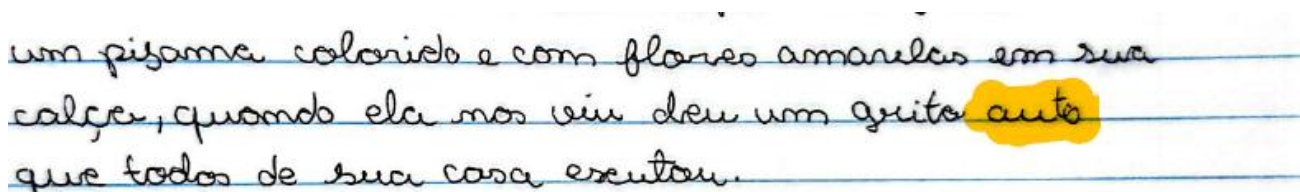
Tipos de marcas	Exemplos
-----------------	----------

Troca de vogais por consoantes ou vice-versa	[...] quando ela nos viu deu um grito auto [...] (Texto 5)
Repetições de palavras nas frases e marcadores conversacionais	[...] elas também tramam sua vingança, elas também buscam criar um novo mundo [...] (Texto 1) [...] que se igualar àqueles humanos era burrice [...] (Texto 4)
Omissão de sílabas das palavras	[...] então ordenou que a guerra não era pra acontecer mais [...] (texto 2) [...] o inseticida que tava preso no armário e tacou nas baratas [...] (texto 3) [...] tavam todos dormindo (texto 5)

Fonte: Elaborado pelas autoras

4.1 Troca de vogais por consoantes ou vice-versa

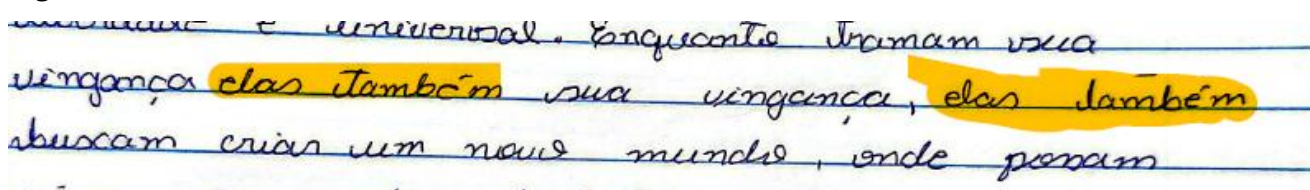
Figura 3: Texto 5



Essa troca ocorre quando há substituição indevida de uma vogal por uma consoante ou o inverso, alterando a estrutura fonética da palavra. Esse tipo de ocorrência representa interferências da oralidade na escrita, resultado de processos fonológicos simplificadores ou da insegurança linguística do falante-escritor. Para esse fenômeno, Bortoni - Ricardo (2004) “destaca que a escrita de aprendizes muitas vezes reflete traços da fala cotidiana, como reduções e substituições fonéticas.”

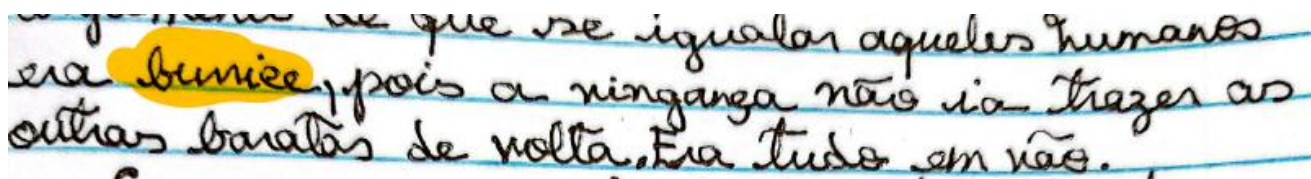
4.2 Repetições de palavras nas frases e marcadores conversacionais

Figura 4: Texto 1



A repetição de palavras e expressões atua como recurso de coesão e expressividade típico da oralidade. Essa repetição, conhecida como epizeuxe ou anáfora, confere ênfase e reforça a intencionalidade do sujeito falante. As repetições funcionam como traços de enunciação subjetiva, aproximando o texto escrito do ritmo da fala e da performance discursiva. Charaudeau & Maingueneau (2004, p. 78-80) tratam da repetição como mecanismo discursivo de ênfase e marcação identitária.

Figura 5: Texto 4

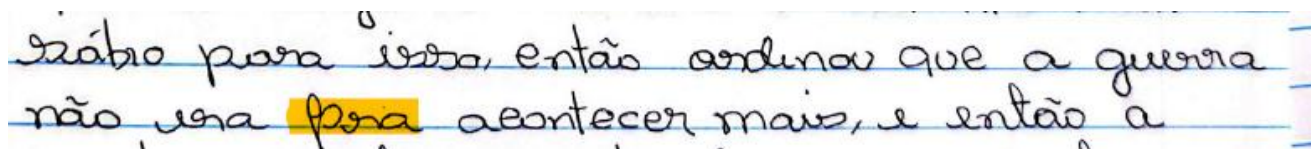


...que se igualar aqueles humanos era buniê, pois a ninganga não ia trazer as outras baratas de volta. Era tudo em vão.

Os marcadores conversacionais (*então, tipo, né, assim*) são igualmente característicos da fala espontânea. Marcuschi (2001, p.45-52) afirma que a oralidade é um continuum que se manifesta na escrita, e os traços de repetição são estratégias de coesão interacional.

4.3 Omissão de sílabas das palavras

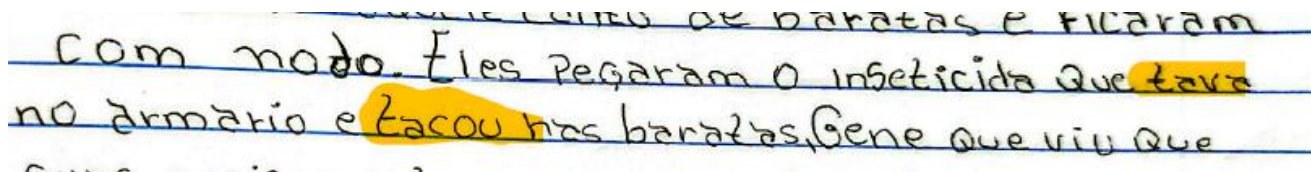
Figura 6: Texto 2



...para isso, então ordenou que a guerra não, uma pra acontecer mais, e então a

Caracteriza-se pela redução de formas verbais ou lexicais, comuns na fala cotidiana. Fenômeno de apagamento silábico (ou redução fonética) em que o falante simplifica a estrutura sonora da palavra, refletindo-se na escrita. Bortoni-Ricardo (2004, p. 123-127) descreve esse fenômeno como redução morfofonêmica, típica da oralidade popular.

Figura 7: Texto

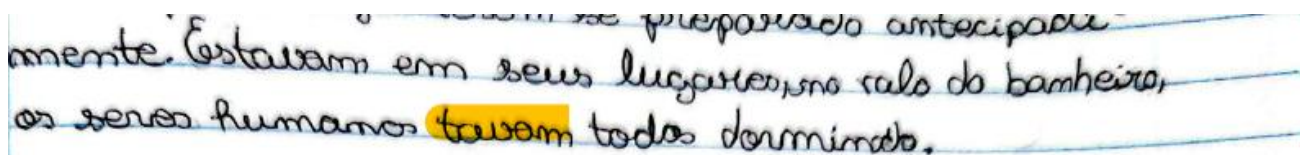


...com nodo. Eles pegaram o inseticida que tava no armário e tacou nas baratas. Gene que viu que

Essas omissões são marcas do registro informal e demonstram como a oralidade molda a escrita de sujeitos em formação linguística. Nessa perspectiva, Bagno (2007, p. 56-61) trata

das formas reduzidas como marca de oralidade legítima.

Figura 8: Texto 5



mente. Estavam em seus lugares, no ralo do banheiro,
os seres humanos também todos dormindo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo intitulado: “O falar do Maranhão: A influência da oralidade na produção de textos dissertativos de alunos do Ensino Médio”, abordou de forma significativa a fala, a escrita, a variação linguística, o preconceito linguístico e a influência da oralidade nas produções textuais dos alunos do Centro Educa Mais Dr. Raimundo Magno Alves da Silva.

Esta investigação sobre a influência da oralidade do falar maranhense na escrita dos alunos da primeira série do Ensino Médio revelou que a transposição da fala para o texto escrito apresenta marcas significativas. Observa-se que elementos típicos da oralidade, como troca de vogais por consoantes ou vice-versa, repetições de palavras nas frases e marcadores conversacionais e omissão de sílabas das palavras interferem diretamente na produção textual.

Esses aspectos demonstram que, embora os estudantes possuam domínio comunicativo na oralidade, ainda encontram dificuldades em adequar sua escrita às exigências da norma padrão. Assim, destaca-se a necessidade de práticas escolares que favoreçam a ampliação do repertório escrito e a consciência linguística, permitindo que os alunos reconheçam o valor do falar local e avancem no desenvolvimento da competência textual.

Portanto, entendemos ser essencial para os alunos que estão iniciando uma modalidade de ensino que exige seu protagonismo. Reconhecer que estão inseridos numa comunidade em que a comunicação é essencial para o convívio social e que a língua está em constante mudança, mas que devem saber diferenciar o que se pode usar na fala e na escrita, vez que na escrita em algumas situações, deve-se seguir a norma padrão ou culta da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 78–80

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**/ Marcos Bagno. – 56 ed. Revista e ampliada - São Paulo: parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 56–61

BRAGA, Rafael. **Variação Linguística – Definição, tipos e importância**. [recurso eletrônico] Conhecimento científico, 2023. Disponível em <<https://conhecimentocientifico.com/>> Acesso: 26 out. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 262.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O português do Brasil urbano**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 112-127.

EGIDO, A. A. **A-Z de metodologia em pesquisa: estudos qualitativos, linguísticos e educacionais**. São Luís: EDUFMA, 2024.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Linguística do texto: o que é e como se faz?** / Luiz Antônio Marcuschi- São Paulo: Parábola Editorial, 2012

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**/ Luiz Antônio -10. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 45–52

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Marcos Bagno. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2021.

SWALES, John M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 58.

TELLES, J. A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 91-116, 2002